



PARA QUE SERVEM HOJE AS ARTES MARCIAIS?...

“A guerra é de vital importância para o Estado; é o domínio da vida ou da morte, o caminho para a sobrevivência ou a perda do Império: é preciso maneja-la bem. Não refletir seriamente sobre tudo o que lhe concerne é dar prova de uma culpável indiferença no diz respeito à conservação ou à perda do que nos é mais querido; e isso não deve ocorrer entre nós.

Capitulo I, Sobre a avaliação – Sun Tzu”

Para que servem hoje em dia as Artes Marciais? É uma pergunta pertinente tendo em conta o momento que se vive. Do meu ponto de vista há diferentes abordagens a esta questão, que vão desde o interesse pelo estudo histórico, antropológico, filosófico até à simples utilização da prática física de manutenção e desenvolvimento, método de desenvolvimento mental, espiritual e ético assim como forma de auto-defesa. Claro que há quem as veja como instrumento de imposição do seu poder pessoal mas desde já vamos descartar esta abordagem pois é algo que não nos interessa. Penso que tentar separar as coisas é perder um pouco de cada uma. Hoje é lugar-comum ver as Artes Marciais pelo seu folclore, perdendo o seu valor humano intrínseco, tornando-as em meras ferramentas de desenvolvimento de egos ou em fontes de financiamento através de negócios, coisas que desvirtuam o espírito e a ética das Artes Marciais, e neste caso as de origem japonesa que se encontram na nossa Escola, e que portanto também não vamos abordar aqui neste artigo.

Não vamos abordar aqui as actividades físicas, vamos antes ver algo que tem uma aplicação imediata no nosso dia a dia – estratégia militar.

Artes Marciais como o nome diz são artes do Deus da Guerra romano – Marte, equivalente ao grego Ares e a Bandua de origem celta e lusitana. Mas a aplicação dos princípios militares de estratégia são aplicáveis no nosso dia a dia, seja na nossa vida pessoal seja na profissional. Recordam-se do filme Wall Street? Nesse filme, e pelas piores razões, invocava-se a Arte da Guerra de Sun Tzu para justificar que os negócios são uma forma de continuar a guerra em outros moldes e como tal todos os princípios são-lhe inerentes. Hoje podemos observar que a globalização obriga a que as empresas tenham de ter estratégias de actuação para poderem sobreviver à feroz competição. No Japão temos as keiretsu e as zaibatsu que, explicando de forma simplificada, são empresas com interesses estratégicos comuns que ao unirem-se criam massa crítica para que os seus objectivos possam ser atingidos. Há portanto um paralelismo entre os princípios usados na guerra militar e em outras actividades.

Com que problemas se deparam os generais numa guerra? Serão as batalhas o elemento que determina o rumo de uma guerra? Já vimos guerras em que exércitos pequenos e mal equipados vencem grandes exércitos. Os gregos vencem em Termopilas um exército incomparavelmente maior. Anibal, o cartaginês, atravessa os Alpes gelados com elefantes e na batalha de Canas com um número muito inferior de soldados consegue derrotar 80.000 romanos, tendo morrido mais de 65.000 graças à manobra militar genial de Anibal e à falta de estratégia e à força bruta romana. O invencível Bonaparte é derrotado pelo Inverno russo ... Os comunistas chineses de Mao Tsé Tung atacam sempre alvos pequenos evitando os grandes confrontos desgastando o exército oponente e acabam ganhando a guerra. O Vietname foi o que foi e hoje a história lamentavelmente repete-se. Podemos concluir que as batalhas são importantes mas há factores decisivos para que a guerra seja ganha. Logística é fundamental para que um exercito tenha sapatos para calçar, comida para comer e munições para combater ... e outras coisas para que a moral ao soldado não falte. Outro factor é algo em que acreditar e que torne-se a motivação para que o soldado queira lutar. Mas se tudo isto é importante há algo que é



determinante para que o objectivo último, a vitória, seja atingida – uma estratégia. Sem saber como, quando e onde, o que fará um exercito? Ao longe dos tempos tenho lido livros e jornais, olhado a TV, jogado jogos de estratégia e tenho, como é óbvio, vivido a vida e conclui que estar na vida sem uma estratégia de acção é complicado para não dizer mesmo, uma imprudência. Saber quais são os nossos recursos, com que apoios contar, se temos a nossa retaguarda protegida, opções temos e qual a melhor, qual o melhor momento para agir e com quem temos de lidar é algo com que o general dentro de nós no dia a dia tem de lidar para situações menos mortíferas mas todas elas importantes. Desprezar estas questões é deixar ao acaso da sorte momentos que podem ter consequências desastrosas. Eis uma aplicação das Artes Marciais para agora ... apliquemos estes princípios no nosso trabalho, no nosso estudo e em todas as coisas que acharmos convenientes. Observar, reflectir e decidir evitando deixar as coisas ao acaso são importantes ferramentas para definir a nossa estratégia.

“Conhecer é não conhecer: Eis a excelência.

Não conhecer é conhecer: eis o erro.

Quem toma a consciência do seu erro não comete mais erros.

O santo não comete nenhum erro porque toma consciência deles, eis porque evita todos os erros.

Tao te king – Lao Tse”

Referências: Conversas com Shidoshi Jordan, A arte da guerra (Sun Tzu), A arte da guerra II (Sun Pin), Da Guerra (Carl von Clausewitz), Zen e a arte de gerir (B. Joschke e P. Stemann), A Arte da Guerra (Maquiavel) , Tao te king (Lao Tse), O Tao da eficácia organizacional (Arménio Rego e Miguel Pina e Cunha), Warlord (antigo jogo de estratégia militar em computador).